

O SUJEITO FEMINISTA PELA NARRADORA DE LYA LUFT

THE FEMINIST SUBJECT BY LYA LUFT'S NARRATOR

EL SUJETO FEMINISTA POR LA NARRADORA DE LYA LUFT

*Marlene Rodrigues BRANDOLT**

Resumo: Tomo a obra de Lya Luft “O rio do meio” (1996), para discutir uma narrativa reveladora das transformações do sujeito feminista e do ato de criação. Procuro traçar uma perspectiva da construção do eu no feminismo, que pode ser identificado pelo leitor por meio da voz da narradora e sua relação com os possíveis eus. Ao analisar as diversas nuances assumidas pelo eu da narradora, abordo a forma como ele é contado, numa relação dialética, baseada em Hegel e na recepção de Wolfgang Iser e Paul Ricoeur. A abordagem do problema, feita por meio de uma narrativa caracterizada pela escolha de uma visão de mulher, vale-se de críticas ligadas aos estudos feministas de Claudia de Lima Costa, Rita Terezinha Schmidt, Vera Queiroz e Maria Célia Detoni, entre outras.

Palavras-chave: Dialética; Sujeito feminista; Possíveis eus; Narradora.

Abstract: The Lya Luft’s masterpiece “O rio do meio” (1996) is discussed through the revealing narrative of the feminist subject transformations and of act’s creation. A perspective of the construction of the self in feminism is drawn, which can be identified by the reader through the narrator’s voice and his relationship with the possible selves. After analyzing several nuances assumed by self of the narrator, the way how it is told was discussed, in a dialectical relationship, based on Hegel and the reception of Wolfgang Iser and Paul Ricoeur. The problem approach, made by a narrative characterized by the choice of a woman’s view, related to the women’s studies critical and linked to Claudia de Lima Costa, Rita Terezinha Schmidt, Vera Queiroz and Maria Célia Detoni, among others.

Keywords: Dialectic; Feminist subject; Possible selves; Narrator.

Resumen: Considero la obra literaria “O rio do meio” (1996) de Lya Luft, para discutir un relato revelador de la transformación del sujeto feminista y el acto de la creación. Tratando de crear una perspectiva de la construcción del yo en el feminismo, que puede ser identificado por el lector a través de la voz del narrador y su relación con las posibles identidades. Mediante el análisis de los diversos matices asumidos por el yo de el narrador, discuto cómo se dice, en una relación dialéctica, sobre la base de Hegel y recepción de Wolfgang Iser y Paul Ricoeur. El enfoque del problema tomada

* Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil. Contato: mbrandolt@yahoo.com.br.

por uma narrativa que se caracteriza por la elección de una visión de una mujer, es fundamental para los estudios de las mujeres vinculadas a Claudia de Lima Costa, Rita Terezinha Schmidt, Vera Queiroz y Maria Célia Detoni, entre otras.

Palabras clave: Dialéctica; Sujeto feminista; Posibles mismos; Narradora.

A consciência-de-si é um retorno a partir do seu outro, o ser da certeza sensível e da percepção - que é trazido para o sujeito pelo desejo (MENESES, 2003, p. 11).

A escritora Lya Luft iniciou sua carreira, em 1960, como tradutora de literatura alemã e inglesa. A vida literária propriamente dita tem início com os primeiros poemas reunidos no livro “Canções de limiar” (1964). A ficção é pontuada pelo lançamento de “As parceiras”, em 1980, romance em que a narradora demonstra sua força criadora, fazendo uma leitura do mundo inconsciente, lugar onde se escondem os segredos. Nessa obra e em outras seguintes, entre elas, “Exílio” (1987), a forma de narrar utiliza um discurso que mantém estreita ligação com a visão do reprimido. Por tal metáfora, mostra a vida como um jogo de azar, no qual a mulher¹ desempenha os papéis que a sociedade patriarcal lhe destinou. Em 1988 publica seu primeiro livro de viés autobiográfico explícito: “O lado fatal”, pois, para a autora, o restante da sua produção literária é invenção.

Pode o leitor² concordar com a afirmação da autora, mas considero que na sua arte há um jogo de duas faces, que sempre surpreende com a presença do vivido e do inventado. Essa forma de relatar está presente nas obras de Lya Luft e quem a acompanha percebe, a partir de “A sentinela”, uma escrita distanciada da tentativa de controle da hegemonia patriarcal. No enredo da obra citada, o pai, Mateus, não exerce dominação sobre as filhas e é dominado pela esposa: “Elsa e Mateus formavam um estranho par: nada combinava,

¹ Segundo Judith Butler (1998, p.14), o uso do termo mulher e mulheres suscita um debate interno sobre o conteúdo descritivo da palavra no singular e no plural. Ela não contesta o fato de que o feminismo parece ter uma necessidade política de falar enquanto mulher e pelas mulheres.

² Para uma leitura linear, os termos leitor, escritor, receptor, na maioria das vezes, serão referidos no masculino, apesar de reconhecer a diversidade de gênero dessas palavras.

nem fisicamente [...] Mas meu pai lhe era submisso, diante dela perdia a força [...]” (LUFT, 1994, p. 15).

O texto “A sentinela” abre espaço à esperança e às preferências, entre elas a de se permitir as coisas positivas que a mulher possa ter – abordagem retomada em “O rio do meio”, livro em sete capítulos, ligando a ficção e a realidade do mundo, numa narrativa marcada pelo **eu** da narradora. No Capítulo I, é discutida a criação literária, e o leitor já percebe que o texto é a representação de uma escritura feminina³: “Nele caminha quem, como eu, ofuscada pela luz que vem de cima [...]” (LUFT, 1996, p. 17). Considero que a enunciação de Lya Luft é representativa da escrita de mulher, cujo discurso⁴ não é apenas centrado apenas na memória e na imaginação, mas também passa a discutir o seu estar no mundo.

Para a constância da literatura de representação feminina, a narradora de “O rio do meio” recria uma personagem menina, no Capítulo II, que lê e escreve, e por meio dessa personagem ela se vê e reavalia o contar e o viver. Essa sensibilidade é vista sob a ótica de uma narradora que, no Capítulo III, traz à tona uma escrita cujas experiências são bem administradas, o que “resultou nessa rica produção da arte feminista, muitas vezes de mulheres em plena maturidade” (LUFT, 1996, p. 39-40). Isso porque a trajetória da narradora é reconstruída a partir do conhecimento que ela ganha na apreensão do outro.

1 “O Rio do meio” numa relação dialética

³ Segundo Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2002), “A escritura feminina constitui o olhar diferenciado, o olhar das minorias. A temática da escritura feminina é resultante do ‘estar’ no mundo, abordando o retrato das vivências da mulher no seu dia a dia”.

⁴ Uso tanto o termo narrativa quanto discurso com base no que estabelece Paul Ricoeur: “a narrativa não se limita a fazer uso de nossa familiaridade com a trama conceitual da ação. Acrescenta a esta os traços *discursivos* que a distinguem de uma simples sequência de frase de ação. Esses traços não pertencem mais à trama conceitual da semântica da ação. São traços sintáticos, cuja função é engendrar a composição das modalidades de discurso dignos de serem chamados de narrativos, quer se trate de narrativa histórica, quer de narrativa de ficção” (1994, p. 90, grifo do autor).

Quem lê “O rio do meio”, de Lya Luft, fica diante de um texto que se estende à maturidade da vida e à elaboração do ato criativo, que traz no seu desenrolar a personagem mulher, cuja aspiração prevê “algum espaço de agenciamento e resistência” (COSTA, 2002, p. 61). Paralelo ao olhar feminino, aliado às perspectivas do movimento feminista⁵, “com base na materialidade das experiências que as mulheres têm do social” (COSTA, 2002, p. 62), são discutidas outras questões como, por exemplo, a solidão, que não é uma exclusividade da mulher, uma vez que a narrativa promove articulações entre as diversificadas posições de sujeito nas práticas relacionadas às especificidades históricas do gênero e de classe.

Além disso, o discurso de Lya Luft retoma elementos lúdicos, a exemplo do cenário do porão e do sótão, panoramas utilizados também em seus livros anteriores. Com referências ao imaginário e ao vivido, a literatura de Lya Luft experimenta os sentimentos e as diversas atividades sociais representadas numa escrita cujo sentido remete ao conceito de arte, formulado pela escritora: “penso que arte é uma prática de liberdade, sim... Não tenho uma definição do que seja arte. Para mim, é o território da minha liberdade... Para mim, é o meu território...” (LUFT, 1999, p. 15). Pelo viés desse argumento, é possível entender por que a autora Lya Luft mostra uma narradora que representa a si mesma e à medida que o discurso vai se formando, favorece a identificação da troca com novos eus.

A troca em “O rio do meio” está configurada pelo eu da narradora, “a qual percebe a identidade como um lugar de posições múltiplas e variáveis dentro do campo social” (COSTA, 2002, p. 67). É possível dizer que o sujeito feminista não surge de uma ação caracterizada pelo narcisismo, pois ele busca reconhecer-se a partir da visão que tem das personagens, daí surge a representação do sujeito não limitado a uma única condição, o que me leva a constatar que o texto de Lya Luft nasce dos contrapontos entre o desejo de se redescobrir e do que ainda permanece latente na formação da mulher. E esse sujeito assume importância sobretudo numa escrita que “perfaz o processo dialético do saber reflexivo, aquele saber que persegue o

⁵ Ver outras contribuições em Claudia de Lima Costa, por exemplo, *O tráfico do gênero*. Cadernos Pagu, nº 11, p.127-140, 1998. Disponível em: <www.cppnac.org.br/wp.../07/O-Tráfico-do-gênero-Claudia-Costa.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2014.

interesse emancipatório do conhecimento, o qual, por sua natureza, é inimigo de todo processo colonizador” (SCHMIDT, 1994, p. 30).

Segundo a narradora de Lya Luft, a poesia e a ficção foram até poucas décadas passadas feitas pelos homens. Na contemporaneidade, o discurso dessa escritora propicia uma literatura em que a mulher é inventada e escrita por uma narradora, e pode ser definida “através de uma ótica que questiona a forma específica do cânone da tradição literária, com o objetivo de se redefinir e incluir o que se julga relevante, do ponto de vista literário” (SCHMIDT, 1988, p. 119).

Em “O rio do meio”, a postura crítica da narradora, fundada numa interpretação do mundo, garante a autonomia da mulher num espaço, antes, próprio do homem. Propõe, assim, uma solução convincente para o dilema comentado e conquista o estatuto artístico, isto é, o reconhecimento e o prestígio junto à produção literária: “Eu quis escrever romances desde que me lembro de mim” (LUFT, 1996, p. 130).

Tal condição propicia ao eu feminista assumir condições que o autorizam a experimentar, conforme o pensamento de Rita Terezinha Schmidt, “realidades alternativas àquela que nos é imposta” (SCHMIDT, 1994, p. 31). Para tanto, personagens e narradora são desafiados a reconhecerem a si e a identificar o espaço que por seleção devem ocupar, uma vez que “Deixar de realizar-se numa profissão por medo, para manter a paz doméstica, por exemplo, há de ser a lenta morte de muitas capacidades pessoais” (LUFT, 1996, p. 98).

Em outras palavras, a escritura de Lya Luft enfatiza um novo modo de falar, o que pode ser visto, segundo Rita Schmidt, como o lugar “para se repensar a literatura tanto em termos de revisão dos paradigmas tradicionais quanto em termos da restauração da perspectiva da mulher” (SCHMIDT, 1988, p. 133). Sem o desconhecimento de que a determinação das ações feministas é dificultada pelo caráter de sujeição ao mundo patriarcal, uma das saídas que a narrativa encontra é oferecida pela articulação poética, por meio de um “amoroso jogo com palavras, frases, poemas inteiros, com imagens e invenções” (LUFT, 1996, p. 22), o que rompe com o espaço restrito às habilidades domésticas, conforme determina a personagem: “Nunca seria uma dessas meninas que bordavam lindamente” (LUFT, 1996, p. 21).

A partir da articulação proposta, o texto procura legitimar a literatura feminista, provocando “o fim da supremacia de uma concepção de sujeito que privilegia o centramento e a origem do sentido (e da verdade) num poder da razão definida e ocupada prioritariamente pelo homem” (QUEIROZ, 1997, p. 40).

E o leitor deve evidenciar no texto que as personagens mulheres, particularmente, têm papel essencial na organização do enredo; mesmo conduzidas pela narradora, elas se permitem às ações, vivem-nas e lhes dão sentido, “onde se lê uma severa contabilidade dos gastos e lucros” (LUFT, 1996, p. 37).

Em síntese, a narração aponta desde o início uma narradora-artista que decide falar como mulher. Tal momento ocorre quando ela tece comentário sobre o fazer literário, caracterizando-se como “mãe desses que dormem dentro de mim” (LUFT, 1996, p. 14). Apesar de a narradora estar ligada à figura da mãe, cuja simbologia suscita o aprisionamento da mulher à família, ela escreve com liberdade e apresenta-se por meio de “uma linguagem de mulheres” (LUFT, 1996, p. 90). Mais: diz escrever sobre mulheres sem limitar-se a tal experiência, pois “falamos por outros, por muitos, por todos” (LUFT, 1996, p. 40).

Nesse sentido, “O rio do meio” confere à literatura um sentido de escrita de experiência, não como simples documento de algo que existiu, mas como envolvimento ao saber de outras mulheres, em quem “a natureza [...] impôs marcas duradouras” (LUFT, 1996, p. 64). A narração⁶ entrelaça esses sujeitos, não excluindo as ambiguidades, nem as explicações, sem perder a verossimilhança, baseada no efeito de emoções, as quais repousam nos sentimentos da narradora e das personagens, pessoas ficcionais, cujas referências surgem do cotidiano e não de seres com características de heroínas.

Delimito a diversidade no exercício da escrita feminina, uma vez que, para a produção de Lya Luft, a mulher não deve abdicar de uma função em favor de outra, conforme diz no Capítulo IV (LUFT, 1996, p. 69), onde pondera a respeito de uma profissional competente que deixa de seguir sua carreira para agir apenas na função de mãe. A

⁶ Utilizo esse termo como o ato narrativo produtor, pois dele dependem não somente a existência do discurso, como a ficção de existência das ações que “transmite”, conforme estabelece Gerard Genette ([s/d], p. 24).

personagem se dá conta dessa sujeição quando percebe que os seus conceitos deviam ter a aprovação do marido.

A escritura parte do episódio citado para comentar a dificuldade que as pessoas têm em saber o que desejam e o que pode intervir no encontro com elas mesmas. No caso da personagem em questão, ela dá prosseguimento a uma outra forma de existir, pois “deu-se conta do absurdo que vivia, e com esforço quase sobre-humano decidiu separar-se para não sufocar” (LUFT, 1996, p. 75).

Em consequência, a forma artística de Luft propõe uma escritura baseada na valorização do todo. A obra considera que a mulher, frente às escolhas sociais, não abandona a identificação maternal. E tal condição interfere na opção de liberdade, pois além da maternidade ela assume outros papéis: de esposa e de profissional, daí a realização pessoal, paradoxalmente, pode ocasionar novas formas de aprisionamento.

A narrativa revela então uma mulher não menos livre que a de épocas passadas, mas a liberdade tem um preço alto e ela se vê presa a outras imposições materiais e emocionais. Logo, a capacidade que a mulher tem de agir segundo a própria determinação é questionável, pois ao poder escolher “Corre perigo de ficar tão aprisionada nas máquinas e organizações quanto às vezes se sentem os homens que as construíram” (LUFT, 1996, p. 64).

Por esse ângulo, a forma poética de Lya Luft mantém, com “O rio do meio”, o fio que entrecruza as margens: uma, determinada pelo passado patrilinear; outra, por um presente ainda preso a essa referência, daí o texto de Luft situar-se entre esse espaço/tempo para constituir-se em um sujeito feminista que não se detém no passado e nem no presente. Assim, o enredo decorre de conflitos interiorizados, representados nos traços indefinidos que formam a figura da capa da obra “O rio do meio”, de 1996⁷. Nela, a fotógrafa mescla tonalidades, as quais caracterizam o movimento difuso da correnteza do rio, de onde a narradora inscreve-se em um enredo que assume desde o primeiro capítulo um duplo sentido, quando expressa: “Fazer ficção é vagar à beira do poço interior observando os vultos no fundo,

⁷ Disponível em: <www.estantevirtual.com.br/b/lya-luft/o-rio-do-meio>. Acesso em: 05 dez. 2014.

misturados com minha imagem refletida na superfície” (LUFT, 1996, p. 13).

Com a citação escolhida, a narrativa se permite percorrer um caminho de descoberta sem apagar as experiências anteriores, porque, conforme a dialética hegeliana⁸, o botão permanece implícito na construção da flor e do fruto: “uma é tão necessária quanto a outra, significa a vida do todo” (LUFT, 1996, p. 9). A obra é elaborada a partir dessas diferenças, sendo que o sujeito no feminismo é visto em sua unidade-contraditória.

O texto mostra que o conhecimento e as ações são experiências que não se esgotam, como também não se repetem. Existe, sim, o seu deslocamento para outro momento quando a narradora menina busca afirmação e a mulher narradora faz um balanço da sua trajetória, cuja vontade é a de ser melhor. O leitor sabe então que a narradora impulsiona sua existência à ação: “Dorme em mim o que será meu, esperando que eu o encontre e queira decifrar, que o tome nos braços e faça dele a voz das minhas entrelinhas” (LUFT, 1996, p. 133).

A beleza da literatura de Lya está nesse jogo, que “não emerge de águas tranquilas” (LUFT, 1996, p. 14). Eis alguns fatores a comprovar que o discurso em “O rio do meio” vale-se também de uma dialética, conforme ensina Wolfgang Iser (1979, p. 90), “movida pelo que se mostra e se cala”. O caráter fragmentário da narrativa produz sobretudo os vazios, assinalando que há alguma coisa a ser preenchida, liberando a entrada do leitor no universo ficcional. Desse local, o leitor dá continuidade a uma série de experiências narrativas, com a qual acompanha o eu feminista, que não se apresenta como uma figura pronta, pois é sacudido por constantes inquietações: de existir sem temor, de manter a esperança, de buscar a si mesmo. Ele inscreve um discurso, o qual se distingue pelo não-acabamento, porque se detém no que o silêncio traduz.

⁸ Uma das definições da dialética de Hegel é apreendida neste sentido: “Dialética da relação entre ser, essência e conceito: [...] a essência é a primeira negação do ser, o qual desta forma se torna aparência; o conceito é a segunda, ou a negação desta negação, i.e., o ser recuperado, porém enquanto infinita mediação e negatividade do mesmo em si próprio” (1996, p. 344). Junto a essa ideia acrescento o pensamento de Paulo Meneses que tem por referência à dialética hegeliana: “O pensamento de Hegel, [...] é um pensamento construtivo, pois as contradições são mediações para uma realização mais plena” (2003, p. 8).

Pela sugestão indicada, a escrita propicia o encontro de quem lê com as diversas figuras que o eu narrativo assume, o qual, integrado aos outros sujeitos estéticos, é organizado, segundo a presente análise, sob uma dialética **altamente mediada** (RICOEUR, 1976). Os sujeitos são levados de um espaço a outro, cada um gerando uma nova narrativa, mas todos ligados pelo efeito artístico que pretende imprimir a narradora. A escrita de Lya Luft experimenta o jogo entre o sentido de unidade e o de diversidade, concedendo ao sujeito ficcional uma série sucessiva de experiências que se prolongam conforme a passagem do rio e da vida. Tais mecanismos provocam efeitos de surpresa e motivam a ficção, manifestada por meio de uma dialética em que a narradora se autorrefere e se discute.

Além dessa posição, o sujeito que narra se autoriza não só a proferir o próprio discurso, como também finge ceder lugar a outra voz, até porque na compreensão do outro está a configuração de si mesmo. Por essa razão, do mesmo modo, quando a narradora utiliza o *nós*, o leitor pode perceber, na forma gramatical, não o distanciamento do que narra, mas uma aproximação, pois vivencia a ação⁹: “Sobre isso, também, escrevo: sobre dívidas e sobre nos cobrarmos mais do que devemos” (LUFT, 1996, p. 24). Como as personagens não contam os fatos, o leitor não acompanha o olhar delas, o que reforça o caráter enigmático dos sujeitos, pois sua percepção está ligada à fala da narradora, que deve alcançar “novos modos de estar-no-mundo, de aí viver e de nele projetar as nossas possibilidades mais íntimas” (RICOEUR, 1976, p. 72).

Pelo desdobramento da experiência, o eu narrativo abandona a imagem de apenas uma “linda mãe” (LUFT, 1996, p. 66), para registrar-se no campo literário, assumindo o escrever aos quarenta anos, tomando para si várias funções, enquanto algumas personagens exercem apenas a função de rainha do lar. No entanto, a narração revela que cada uma das particularidades é significativa desde que a mulher abandone o ressentimento, pois, segundo a narradora, ele é “O segundo demônio mais perigoso” (LUFT, 1996, p. 135). Isso propicia

⁹ Sirvo-me de uma das interpretações de Ronaldo Costa Fernandes em relação à presença do pronome *nós* na narração: “Em vários relatos o *nós* é apenas uma ampliação da primeira pessoa do singular: é uma ação coletiva e conjunta do personagem-narrador” (1996, p. 55).

dizer que o texto de Luft representa a voz da mulher na dos sujeitos que sugerem, quase sempre, formas otimistas de repensar o feminismo.

Em suma, o discurso abre-se a um **eu** constituído por várias posições, que está aprendendo a lidar com a sua trajetória. Segundo a narração, grande parte está descobrindo novos caminhos capazes de subverter a ordem da mulher vencida. Há no posicionamento da narradora um modo de enfretamento a uma censura que possa manipular a condição feminista. Para ela, a mulher precisa agradar-se, fazendo valer o desejo de viver e de se libertar, para pensar a realidade com menores restrições.

Pelo discurso de Lya, é possível observar que a mulher não ocupa mais um lugar silencioso, porque se apresenta como falante, o que assegura a continuidade num espaço alternativo da autorreferência. A sua capacidade de se desdobrar e lidar com a contradição resulta da interação de uma existência autônoma e dependente ao mesmo tempo e por isso contraditória. Em relação ao desenvolvimento do sujeito de “O rio do meio” permito-me fazer uma observação, entre outras, sobre o sentido da palavra “meio”, que está integrada à metáfora do rio. Por essa razão, reporto-me à análise psicanalítica de Maria Cecília Detoni (2004), que comenta a obra “O rio do meio” e questiona: “O que é o meio?”.

Conforme a ideia de Detoni, há um meio representado pela memória pessoal e ainda outro que pode ser visto como a casa de uma criança, lugar de onde ela inicia a própria trajetória, carga semântica dotada de uma duplicidade de sentidos que contraria a ideia de passividade que possa ter a localização feita no “caminho do meio”.

Sob similar aspecto, a palavra “meio” no texto de Lya Luft é aberta às transformações do sujeito feminista, cuja demarcação atribui um novo lugar em que ele não apenas sofre interferência, mas também vai interferindo, num jogo discursivo de renovação: “Nas casas lançam raiz futuras lembranças que, somando-se ao que já trazemos ao nascer, vão nos deixar mais fortes ou mais vulneráveis” (LUFT, 1996, p. 106).

Portanto, a interpretação de Detoni (2004), identificando “a clínica não como um recanto sagrado, mas um lugar que provoca novos focos capazes de fazer bifurcar a existência enriquecendo sua relação com o mundo”, aproxima-se do caráter de mutação a que alude a arte de Lya Luft, cujo discurso percorre um território em movimento, pois há um pensamento que diz respeito às omissões das mulheres e

outro que ultrapassa essa linha de fronteira. Com essa referência, a escrita luftiana traduz a presença da mulher, cuja figura é representativa do processo de diversidade que a coloca numa posição de assumir novas atividades e novas formas de pensar a realidade, sem esquecer

as que foram tolhidas pelas obrigações, pela grosseria do pai ou do companheiro. Incapazes de administrar sua própria existência, tangidas como animais comprados a preço inferior, sem tempo sequer de olhar no espelho – ou com medo da amargura que ele lhes revelaria (LUFT, 1996, p. 33).

Na obra não há superação desses confrontos, mas antes a compreensão do sujeito por uma realidade mutável. Para tanto, a representação da mulher de Lya começa a experimentar mudanças que a fazem vivenciar o sentido de gênero formado por um sujeito não-unitário, cujas escolhas ainda são conflituosas. O sujeito em questão traz, na figura da narradora/escritora, uma bagagem própria das: “inquietas buscadoras” (LUFT, 1996, p. 35). Sem apresentar os problemas de ordem interior – medo, ansiedade, desejo, incomunicabilidade – como resolvidos, “O rio do meio” discorre através de uma dialética que traduz a luta de oposição que o eu feminista enfrenta com ele mesmo e na relação com a vida que só acaba quando se deserta dela, quando se deixa de amar, ou quando se renuncia à felicidade. O enredo apresenta-se aberto para o cotidiano, que compreende o sentido transitório da pessoa, aliás, ele intui que, pelo movimento contínuo, há sempre um começar de novo: “Tímida, a semente se entreabre como quem desperta e boceja; lança um caule muito fino que sobe até a superfície, e um dia sabemos que a vida é de novo possível” (LUFT, 1996, p. 126).

Nas diferentes fases da vida, a oposição presente nas atitudes é carregada de um rico conteúdo, produzindo a representação do sujeito sobre si mesmo. Por exemplo, para a narradora, o ser é estimulado a valorizar a vida, principalmente por não se afastar da morte. O movimento dialético produz o conhecimento do próprio **eu**, sem eliminar um e outro processo em discussão que “perambula nesses aposentos adormecidos que vão crescendo dentro de nós quando amadurecemos” (LUFT, 1996, p. 122).

Com tal procedimento, a obra de Lya Luft, sem prender-se a um conceito hermético, sinaliza uma abordagem aberta à criação de novas realidades e de novas formas de olhar além das aparências, vivendo as transformações em curso no mundo. Portanto, o trabalho artístico de Lya Luft é, segundo a presente análise, resultado de um pensamento dialético, modelado por meio de oposições que entrecruzam o lugar da mulher no cenário da escritura literária principalmente das “mais otimistas [que] abrem a socos a porta da sua casa simbólica, e saem para o campo de batalha” (LUFT, 1996, p. 100). E o leitor pode intuir que “O rio do meio”, por revelar em seu interior ambivalências comuns ao enredo da vida, tem elementos suficientes para contribuir com um projeto feminista mais amplo.

Referências

GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Maria Alzira Seixo. VEJA, s/d.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno. Trad. [s.n.] *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11- 42, 1998.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo. *Cadernos Pagu*, n. 19, p. 59-90, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a04.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2011.

DETONI, Maria Célia. *Artesania que tece com muitos fios: por uma clínica em devir*. Disponível em: <<http://www.campogrupal.com/textos.html>>. Acesso em: 16 dez. 2004.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

HEGEL, Georg Wilhelm. *Estética: a idéia e o ideal*. Lisboa: Guimaraes Editores, 1952.

ISER, Wolfgang. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LUFT, Lya. *Exílio*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. *As parceiras*. 5. ed. São Paulo: Siciliano, 1990.

_____. *O lado fatal*. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. *A sentinela*. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. *O rio do meio*. São Paulo: Mandarin, 1996.

_____. Duplo olhar sobre o mundo. *Revista Palavras*, n. 2, p. 15, 1999.

MENESES, Paulo. *Hegel & a fenomenologia do espírito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

QUEIROZ, Vera. Crítica feminista e a construção do sujeito sob o Modernismo e o Pós-modernismo. *Gragoatá*, n. 3, p. 35-46, 1997.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 1976.

_____. *Tempo e Narrativa*. Tomo. I. Campinas: Papirus, 1994.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulher e literatura. In: SCHÜLER, Donaldo *et al.* *Mulher em prosa e verso*. Porto Alegre: Movimento, 1988.

_____. Da ginolatria à genologia: sobre a função teórica e a prática feminista. In: FUNCK, Susana Bornéo. *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. A escritura feminina: Lya Luft e o sujeito no espaço literário. *Mulheres e Literatura*, v. 6, 2002.

Disponível em: <<http://litcult.net/site/category/uncategorized/revista-mulheres-e-literatura-vol-6-2002/>>. Acesso em: 29 jan. 2005.

Recebido em: 04/07/2014

Aceito em: 30/09/2014